

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 4.

SABBADO 28 DE ABRIL.

1860.

RELATORIO.

(Continuado de p. 19.)

Resumindo, Senhores, os relatorios dos Secretarios das Secções, procurei exprimir as idéas ali emittidas pelas suas mesmas palavras, para ser o mais fiel possível na sua exposição.

Nada ommitti, e por isso podeis julgar quantos dados faltaram para meu trabalho. Não querendo, porém, cingir-me tão sómente a esses documentos, para dar-vos um quadro mais animado, e para habilitar-vos a attender no proximo anno a algumas necessidades, vi-me obrigado a recorrer ás actas de todas as sessões e a passar-lhes um rapido exame, para colher os dados que nos devem ser presentes, para formardes uma idéa do que resta ainda a fazer-se em beneficio do Instituto.

Como já vos dice, na ultima sessão preparatoria, a casa habilitara as Secções a confeccionarem o respectivo Regimento interno. Essa ordem era inconstitucional, porque nenhum artigo dos Estatutos dá ás Secções uma tal authorisação, antes o contrario se parece deduzir do artigo 2º, que incumbe d'esse trabalho o Conselho Administrativo.

Mas as Secções, menos a do 5.º anno, em consequencia d'essa concessão, nomearam commissões para redigirem os seus Regimentos internos, e ellas em breve apresentaram os projectos em discussão.

O Regimento interno de cada Secção foi um dos pomos de discordia, porque o de uma Secção não fazia mais que reproduzir as disposições dos Estatutos, quando tinha que attender á economia dos trabalhos; e os das outras feriam as bases da Associação.

A desordem e uma animação extraordinaria, foram as consequencias de taes trabalhos; e para restabelecer-se o socego, que deve sempre reinar em seu seio, as Secções se viram obrigadas a suspender a discussão.

A regularidade dos trabalhos, e mesmo a vida do Instituto, exigem que se cuide quanto antes na confecção do Regimento interno para boa direcção dos trabalhos.

Esta necessidade não deve ficar em olvi-

do, si attender-se a que apenas uma vez se reuniu o Conselho Administrativo, que deve servir de centro ás Secções, e para se poder manter a ordem e a regularidade, que devem observar as Sociedades litterarias.

A unica reunião do Conselho teve por fim decidir, que durante este anno, se não cobrassem as joias dos Socios, porque não haviam despezas a fazer-se, uma vez que o Sr. Dr. Ferrão tinha posto á disposição das Secções a sua casa, fornecendo-lhes ao mesmo tempo o necessario para o seu trabalho.

Em assembléa geral a casa tinha determinado que as sessões tivessem logar na Academia, porém alguns inconvenientes appareceram, e por isso as diferentes Secções resolveram aceitar o amistoso convite do Sr. Dr. Ferrão.

No principio do anno espalhou-se o boato que o Sr. Conselheiro Director se oppozera a que o Instituto se reunisse nas salas da Academia. Isto, porém, é falso, pois que o mesmo Ex.^{mo} Sr. de prompto annuiu ao nosso pedido.

Todas as Secções mudaram de funcionarios. Uns pediram para serem substituidos por incommodos de saude, outros retiraram-se desgostosos, porque muitos Socios arvoraram as actas em pontos de combate, e tudo faziam para mostrarem infidelidades, onde as não havia, desanimando assim os jovens que dirigiam os trabalhos.

Muitas vezes a palavra pela ordem servia para azedar a reunião, discutindo-se cousas inteiramente alheias á sessão.

Contra taes ataques um só recurso havia, e foi esse o de que lançaram mão os funcionarios, — pedirem a sua demissão e lavrarem-se as actas no fim da sessão scientifica, para impedir taes lutas, e porque em taes circumstancias ninguem queria ser secretario.

Para apresentar um exemplo de taes factos, eu recorro ás actas da 2.ª Secção, de 7 de Julho e 4 de Agosto, em que um Socio apresentou a *methaphysica these de que o homem não era capaz de conhecer a sciencia de um palito!* E isto queria elle, a todo o transe, desenvolver!

Discussão sobre theses taes, e a do Regimento foram causa de discordias, que por

algum tempo perturbaram a marcha do Instituto. No mais os trabalhos se podem dizer regulares. Não quero, porém, dizer com isto que as reuniões tivessem sempre lugar, porque o contrario colligo das actas.

Uma falta ha a lamentar-se, e é a perda de muitas actas, porque os Secretarios as levavam para casa, com o fim de passal-as a limpo, e desde então se esqueciam de trazel-as, ou guardal-as com esmero. Isto é sensível, porque assim desaparece a unica fonte para estes trabalhos; pelo que devemos esperar que no anno seguinte se lavrem as actas em livros especiaes, e pelos quaes devem ser responsaveis os Secretarios.

O Instituto se corresponde com todas as outras Associações litterarias de S. Paulo, e não temos esquecido de manter com ellas as mais fraternas relações.

A falta de um Regimento interno proprio, attendendo-se a que o Conselho não se reuniu sempre, e não estando ainda firmada a vida do Instituto, se não enviou aos Srs. Lentes a comissão que deve solicitar o seu apoio. Espero, porém, que no seguinte anno isto seja satisfeito.

O Instituto, em sessão de 14 de Outubro, conferiu o título de Socios honorarios a 13 pessoas.

Inscreveram-se Socios do Instituto 158 Academicos: sendo 47 do 1.º anno, 40 do 2.º, 24 do 3.º, 22 do 4.º, e 25 do 5.º

O rapido exame que passei nas actas, e o pouco tempo que tive para preparar este relatório, pois que mui tarde me foram entregues os papeis das Secções, não me permitiram, que vos apresentasse, Srs. Socios, um trabalho mais completo, e acompanhado de alguns documentos, como desejava. Dous dias não podiam chegar para tanto, pois sabeis que tenho outros deveres, a que não me posso esquivar.

Si não quereis, desde já, depositar sobre o Instituto a vossa grinalda de saudades e perpetuas, ouvi o pedido de todos os Secretarios, —concorrei ás sessões, porque é d'ahi que póde vir a vida: sem isso sua existencia não terá passado do sonho de um homem, que se deixa embalar pelas mais generosas idéas, e cujos sentimentos devem ter dos Academicos de S. Paulo a melhor das recompensas — um bom futuro para a filha querida do seu coração.

Desejando ao Sr. Dr. Ferrão sempre o mesmo afan, o mesmo amor pelo Instituto, para que elle possa realisar seu fim, e tributando-lhe aqui os mais sinceros agradeci-

mentos, eu não faço mais, que exprimir o pensamento de todos os Cursistas. É a unica recompensa, que a virtude póde esperar da Mocidade, que o deve ter, como exemplo, por seu amor ás sciencias, e ás bellas instituições.

A necessidade da publicação de um jornal não foi attendida pelos authores dos Estatutos. O que é um grande mal para o Instituto, que, como Sociedade litteraria, não póde dispensar esse organo, que lhe póde attrahir Socios, e incital-os a trabalhos de alguma utilidade.

As joias podem cobrir as despezas de sua publicação, e por isso para mais seguro desenvolvimento do Instituto, deveis no anno seguinte cuidar em que elle tenha tambem um jornal seu.

Na discussão dos Estatutos, por mais de uma vez em tal cousa se tocou, e se concordou que um jornal existiria desde que fosse possível. Agora o podeis fazer, exigindo ao mesmo tempo, que o Conselho Administrativo cuide em reunir-se e satisfazer seus deveres.

Si meu trabalho, Srs. Associados, não responde aos vossos desejos, não me culpeis por isso, e poupae-me em vossas censuras. Apresentar factos descarnados, e acceptar como material os trabalhos de outros Socios, é o que me prescreve o art. 17 de nossos Estatutos.

E si este relatório não tem flores, si é simples na forma, sem concepção, de idéas vagas e abstractas, é que não me animei a divagar em campo esteril para mim, e receei cançar vossa paciencia, quando tinha missão certa a preencher.

Amo as idéas bellas e generosas; invejo uma forma mimosa e delicada, mas não podendo com ellas adornar meus trabalhos, fujo sempre de querer apresentar o que não posso.

Só desejo que julgueis ser este relatório uma fiel exposição da vida do Instituto, desde a sua criação até hoje, e com isto me darei por muito satisfeito e pago.

O Secretario Geral,

Emitio Valentim Barrios.

A' ALGUNS COLLEGAS DO JORNALISMO
PAULISTANO,

CAVACO.

O que temos a vencer não está muito longe: sempre foi permittido aos *Cruzados* chegarem á *Jerusalem*. Amanhã fallareis com mais precisão, sabereis nos definir, porque conhecereis nossa missão: ella é justa e sancta porque é grandiosa e regeneradora; é útil e magestosa porque parte de corações bem formados, de aspirações mui legítimas, porque, em fim, é um brado da mocidade, contra todas as usurpações consagradas sobre o titulo de direitos!

—Na infancia e na adolescencia, as escolas, os gymnasios, os liceos desenvolvem as idéas e predispõe os espiritos; na idade viril as publicações litterarias illustram intelligencias, esclarecem a razão, firmam os caracteres.

Convencidos hontem daquella verdade, persuadidos hoje deste dogma, sustentaremos com toda a lealdade de discussão, com todo o exame de experiencias, que o jornalismo litterario tem sua missão tão importante quanto julgaes ter o—politico. A sciencia dos povos começa primeiro pelas litteraturas; apparecem, pois na infancia das nações, em primeiro logar—poetas, depois... os reis.

—Da acção combinada do jornalismo politico e do jornalismo litterario, do jornal e do livro, isto é, da imprensa, nasce e cresce a civilisação, erguem-se os povos de seu abatimento secreto, e firmam-se as grandes nacionalidades: em quanto Portugal conservou no Brazil—os seus politicos, elle só pode ser—colonia: quando as associações litterarias appareceram, tivemos um imperio!

Algun espirito pouco reflectivo pode descobrir em vossas palavras o paldro da ironia, ou a lingoagem da satyra dessimulada que só serve para fazer recuar os espiritos fracos, e desarmar as intelligencias pouco praticas: um espirito irreflectido poderá encontrar em vossas phrases, talvez... a ingratição; porque todo o passo que tenta ao desenvolvimento das letras deve ser acoroçoado e applaudido, se não com enthusiasmo, ao menos com sinceridade.

O que somos não é difficil de conceber-se, porque francos e livres vivemos, independentes e laboriosos actuamos sem essas aspirações rivaes de competencias que formam o coração da politica. A politica que tem sido a encarnação de crenças pessoases, porem

nunca a fiel expressão dos sentimentos do publico.

Sabemos que ao encetar qualquer empresa não faltam difficuldades: porem temos um grande auxilio que nos escuda:—é que as grandes convicções são infatigaveis:—é que—o ouro purifica-se no fogo, a virtude na adversidade, o genio nas contrariedades.

No foro, no jornalismo, na tribuna parlamentar, o genio da mocidade tem mostrado as situações e estigmatizado os seus vicios de administração.

Que a ignorancia que de tudo receia não nos justificasse—perdoe-se: que a inveja, mais perigosa em seus effeitos, que a indifferença, que é a morte de tudo não nos animasse, releve-se; mas a imprensa!...

Embora!

Não ha de ser a vossa alchimia politica que ha de remir o paiz.—A litteratura, cujos interesses moraes e pessoases aspiramos representar, por mais alheia e extranha, que a tenham querido tornar em referencia á politica, não pode renunciar a fazer-se representar nos comicios politicos, porque a litteratura é uma das columnas do Estado, se não a primeira das suas forças.—

Se o KALEIDOSCOPIO se incumbio desse sublime magisterio, elle só pode ter por cengura a virtude de saber triumphar. Acresce que deve ser respeitado porque o espirito de seus artigos, é a mais segura medida contra as invasões de alguns especuladores que só querem monopolisar, e nunca fortalecer o edificio social, que vive bastardo de patriotismo, de gloria, de nome, de reputação, porque a alta politica entende que só por ella se engrandecem as nações.

Teremos muitos crimes para sermos accusados; e entre os mais conhecidos adiantamos o seguinte que é o principal: o nosso delicto para muitos talvez seja porque pensamos deste modo:

—*Tudo pela patria:—eis a legenda que se soletra no estandarte da esperançosa phalange!*

Pensamos com Desmoulins: *os grandes só nos parecem grandes porque estamos de joelhos: levantemo-nos!*

Pessanha Póvoa.

EDUCAÇÃO.

EXERCÍCIOS DE COMPOSIÇÕES.

III.

Eis-nos, meus caros meninos, em um novo Sabbado, em um dos dias em que cada um de vós leu uma composiçõesinha, fructo da vossa intelligencia e do vosso trabalho. Eis-nos nesse dia da semana, o mais desejado, porque tendes de vos mostrar, tendes de patentear o grau de desenvolvimento intellectual em que estiverdes; o que, por certo, sempre é agradável ao bom estudante, ao menino que conscio dos seus deveres se esforça por cumpril-os regularmente. Eis-me tambem pagando esse tributosinho, que hoje já pagastes; eis tambem uma composiçõesinha que vos offereço.

Sendo ella fructo de momento, pois que as horas me não sobram, disto deve resentir-se; e si bem que em mim sobrem desejos de vos offertar boas composições, sem o dom, fulto de cabedal, minguado o tempo e cheio de preocupações, que por ora não podeis avaliar, como será possível produzir, ou organizar trabalho algum perfeito, ou interessante e lindo ao menos?

No entanto quero escrever alguma cousa que vos lêa hoje, quiz á imitação dos outros Sabbados tambem acompanhar-vos na leitura de algum escriptosinho feito, de proposito, para este dia, pois que a isto já acostumados, não queria que sentissem falta, deixando de apresentar-vos hoje a minha composiçõesinha.

Escutae que eu principio:

Ambrosio era pastor, guardava ovelhas, e a pastar as guiava a um alto monte, em que algum capim reverdejava por entre as pedras de que era cheio.

O bom rapaz, com quem preguiça andava sempre a braços dados, do trabalho fugia ás leguas; gostava mais de passar o dia todo sobre a relva deitado, em quanto o rebanho seu no monte estava, do que no campo a trabalhar com o arado. Só de um exercicio apaixonado elle mostrava-se, e a isso mesmo dava pouco tempo. Algumas vezes em que as ovelhas todas deitadas, á sombra do rochedo, remoiam a herva no descanzo, o meu Ambrosio lá de longe fazia gatimonias a um carneiro para o vér marrar contra um peneiro; e neste brinco se entretinha, até que o pobre animalejo cançado se deitava.

Um dia, sim, dia aziago, em que o pastor

de casa viera quigilado, não estando de veia para brincar, sentou-se no tópe da collina, em cima de uma pedra; e todo entregue aos maus humores, nem do rebanho se lembrava.

O somno, porém, que o não deixava, por quasi todo o dia, em breve se tinha apoderado do guardador de ovelhas; e já n'um n'outro coxilo, fazendo cortezias, punha o pobre já erguendo e abaixando a cabeça.

Por acaso um dos carneiros do rebanho, o maior dos marradores, lá de longe d'onde estava, viu o moço naquelle zás traz com a cabeça; e julgando, talvez, ser desafio, dos costumados seus, para o vér marrar, em attitude se pôe para dar o assalto. O lorpa de Ambrosio não cessava de dar de vez em quando um coxilão; e o carneiro, que o tinha observado, já medindo a distancia, já fazendo pontaria ao alvo, agora recua, intenta seguir e torna atrás. Mas lá chegou a vez em que devêra preparado, em desfillada, ir marrar. Teso o corpo, e como para trás puxado, curva um pouco o pescoço, e mais veloz, que um gamo, para o moço galga, e antes que este o visse, na cabeça lhe pespega marrada tão valente, que de costas o atira ao outro lado.

Atorloado ainda e com custo, bramindo de raiva, lança mão da pobre besta, arrasta-o a um alto, e no despenhadeiro a arrojá.

As ovelhas todas, vendo assim ir o seu borrego, o julgam em bom caminho, e todas o seguem, e sem medir a altura se lançam atrás d'elle no profundo abysmo.

Aqui concluo, e bem que o conte em si encerre uma lição, eu deixo por hoje de moralisar o caso.

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

SCENAS VERIDICAS

III.

A senzala dos escravos é uma casa vasta, porem sem repartimentos; são quatro paredes de taipa, nuas, enfumaçadas, cujos unicos adornos, no tecto telha-vã, são: longos frocos negros de *pecumam* agitados pelo vento que penetra pelos vãos das telhas, ou pelos *covodaes*, das taipas, e que as vezes caem sobre a cabeça dos pobres pretos; e nas paredes, aqui e acolá, algumas cabaças

penduradas em que elles conduzem agua, ou algum gomme de taquára-ussú, para o mesmo effeito. Encontrareis tambem junto a algumas camas (se camas se podem chamar) uma ou outra marimba, em que, nos domingos, tocando e cantarolando, parece que os seus donos se esquecem um pouco da vida; e uma ou outra estampa de Santos em que elles tem mais devoção. Junto ás paredes, alguns escravos, que querem gosar de mais alguma commodidade, ou apparencia de commodidade, fazem pequenos gabinetes, cujos lados são formados de esteiras de junco, de taboa, e as mais das vezes, de taquára trançada. Mas é apenas uma apparencia, por que na realidade seus leitos são tão duros como os dos outros pretos menos ambiciosos.

Quatro tolletes de páu afincados no chão, quatro amarradas aos lados formam a sua cama. Em cima algumas varas para soste a esteira de junco, que lhes serve de colção e sobre ellas um cêpo de páu. E eis-aqui o leito d'um escravo.

É hora da ceia. Mais de uma centena de escravos de todas as idades chegam do serviço, e depoem nos cantos, alguns as suas enxadas, outros as suas fources, ou balaios e cestas em que colhem café, e sobre as camas, suas mantas de algodão grosso, algumas já rôtas e estriçadas pelo uso e pelo tempo.

Alguns pretos entram trazendo sobre as cabeças grandes gamellas com a comida, depoem-nas no chão, no meio da senzala, e os escravos recebem ordem para comerem.—De quem parte esta ordem? De um individuo chamado feitor. Duas palavras sobre esta entidade essencialissima n'uma fazenda.

Esse homem que ali está de pé, com os braços crusados, ou antes, encostados sobre o cabo de um longo relho—acaso será uma pessoa incumbida de cuidar da existencia dos escravos, de estimulal-os com bons modos ao trabalho, de dar-lhes conselhos? Não: é o intermediario entre o escravo e o Senhor, demos-lhe seu verdadeiro nome: é o carrascó dos escravos. Assim, de ordinario, procuram um homem de proporções herculeas, e capaz de derribar dois ou tres negros d'uma vez, de voz de estertor, cujo coração seja capaz de assistir, frio, impassivel, aos mais rigorosos castigos, a uma novena de açoutes, por exemplo. E para isso, de ordinario, recebem um avultado sallario, o qual está em relação á sua actividade. A actividade d'um feitor consiste em não perdoar a menor falta, em applicar penas enor-

missimas a faltas muitas vezes involuntarias. Diricis que esse homem, na sua ignorancia e brutesa, conhece perfeitamente a legislação de Dracon...

Com voz brutal deu o feitor ordem para comerem. Os pretos apinhoaram-se ao redor das gamellas, e começaram a comer, uns servindo-se de colheres de páu, ou de estanho, outros das proprias mãos. Approximae-vos dessas gamellas e observaes o seu conteúdo. Nesta é um angú escuro, feito de fubá de milho; naquella outra, é um caldo negro que pelo cheiro nauseabundo, mostra ser de feijão mal temperado. Na superficie, nadam alguns grãos deste alimento, pelo que, podereis sem medo de errar pronunciar sobre elle o—*Rare nantes*—de Virgilio.

A ceia na verdade é succulenta para homens que trabalham desde que ouvem soar a buzina do feitor, isto é, logo que alvorece, até o anoitecer... Inconsequencia funesta!... É sabido que o trabalho dos escravos requer forças phisicas, e portanto, alimentação vigorosa para essas forças se mantem... entretanto as suas comidas, na mór parte das fazendas, excitariam o appetite dos asceticos da Thebaida...

O que faz um inventor quando quer pôr em realidade uma machina que ideou?—procura os melhores materiaes para a sua construcção: não procura elle todos os meios de conserval-a sempre em bom estado, não lhe faz—até cubertas para resguardal-a das intemperies do tempo, não a concerta para seu interesse, logo que alguma parte se quebra, ou se desloca?—E o escravo-machina tambem porventura não deverá merecer os mesmos cuidados?...

Eil-os ahí ao redor dessas gamellas—nem mais, nem menos do que porcos, n'uma ceia, ao redor d'um monte d'espigas de milho... Os porcos ao menos, para engordarem logo, vivem em completa abundancia, e Deos sabe si o escravo, após um dia longo e trabalhoso, vai dormir com a fome completamente saciada...

Depois de haverem devidamente devorado o que havia dentro das gamellas, o conductor deste rebanho mandou-as retirar, e chamou por um preto que teria vinte annos de idade, por nome Antonio.

= Siga-me! disse elle com brutalidade. Não notastes o espanto que a estas palavras se pintou no semblante dos outros escravos? Seria unicamente por aquelle—

Siga-me—do feitor? Essa palavra significaria sentença de castigo horrível?

Logo haveis-lo de saber. Podreis-lo desde já presentir por estas poucas palavras trocadas entre dois pretos.

= Pobre Antonio!. Elle hoje colheu menos café do que hontem...

= Tambem, observou o outro,—para que deixa elle o serviço para ir conversar com a sua rapariga?

(Continúa.)

La tomba è un letto
Sperso di fiori.

(ANDANTE DE Luisa
Miller.)

Quando em silencio eu meditava os carmes,
Os sanctos carmes do propheta hebreu,
Não sei que sombra murmurou-me um canto,
Tão doce canto que cuidei ser teu.
Fulgida estrella, perola da noite,
Por que á noite teu clarão morreu?

Na harpa de bronze onde carpia o bardo,
Mudo chorando de Sião a ruína,
Sentido threno modulei chorando
Nas graves cordas que a saudade afina.

Esse mysterio que nos cela o tumulo,
Quando no tum'lo nos apraz scismar,
Encerra encantos que não sabe o mundo,
Que nunca o mundo poderá cuidar.
Não tenho preso o espirito na terra;
Ai! deixa a terra para aos ceus voar.

Filha dos sonhos subirei contigo,
No teu regaço ás regiões ethercas;
Em quanto á sombra do salgueiro escuro
Tremulas soam as canções funereas.

A secca folha que cahiu do arbusto,
Que o tenro arbusto viu rolar no chão,
No espaço infindo arremessada vã,
Nas azas vã do veloz tufão.
Quem sabe o rumo que levou a folha,
Quem sabe a folha onde parou então?

O arbusto é o mundo: a folha secca o bardo:
O vento é a morte: o espaço a eterna vida:
Filha dos sonhos, perola da noite!
Guia minh'alma na amplidão perdida.

S. Paulo 16 de abril de 1860.

M. S.

A vingança d'um irmão.

I.

*La mort au—dessus d'elle errait dans la nuée,
Et j'entendais ce rôle, et j'ecoutait ce chant.*

(V. HUGO, LES MEDITATIONS).

São onze horas da noite. A lua pallida reflecte apenas seus raios por entre densa neblina. Já se ouve o sibilar dos primeiros ventos de inverno em noite fria de Maio.

Lá se foram aquellas deliciosas noites de verão, quando na abobada celeste pintada de azul-claro, a lua caminhava bella, derramando sobre a terra arroubos de infavel poesia.

Como era suave, nessas noites, deixar a imaginação se elevar ousada como as ondas, e depois cair e se espraiair cansada lá nas margens do infinito.

Hoje estou triste. Encerrado no meu gabinete, sinto a tristesa invadir-me a alma como invadem a natureza os primeiros vapores gelidos precursores do inverno.

Daqui estou ouvindo vozes de alegria, risos, manifestações de jubilo... Nada contrista tanto o coração dorido como o prazer estrepitoso dos entes felizes.

Mas o mundo assim é feito: Muitas vezes uns riem-se em quanto outros choram: muitas vezes sobre as cinzas dos mortos os vivos se delectam nos encantos d'um baile,—d'uma festa—ou d'uma orgia... Parece que o homem somente encontra felicidade nos contrastes da vida, nas mudanças de situações.—Caminhae sob a influencia dessa idéa unica, ou d'uma affeição exclusiva, que vos absorvam todas as faculdades, e haveis de encontrar decepções, e decepções horri-veis....

Hoje estou triste. A impressão que causou-me n'alma o principio da historia dos amores d'um meu amigo fez com que minhas faculdades concentrassem suas forças sobre a paixão do amor, procurasse comprehende-la na sua essencia e manifestações.

Qual foi, porem, o resultado deste estudo? Foi concordar que o meu amigo, talvez tivesse sobeja razão, quando n'um momento de desanimo, pronunciou este pensamento: Quereis saber o que é o amor!—procurae ahi pelo mundo o que ha de mais enigmático na Creação.—

Este pensamento, manifestado por um co-

ração que se dizia amado, ou revela insanias produzida por um perjúrio, ou completo scepticismo sobre sentimentos d'uma amante que se dizia dedicada.

De feito, o meu amigo amava loucamente uma jovem que lhe correspondia com todas as forças da alma.

Mas esta moça perjurára e ia ligar sua existencia á de um homem que até então lhe era absolutamente indifferente.

Porque ella mudou?. Dizem que as fibras do amor somente estalam aos arrancos de amor.

Porque ella mudou? Será verdade que nas mulheres o amor, se reveste as roupas da pureza e unicamente para illudir um estudo sobre seu caracter.

Porque ella mudou?

Eu vou sol-o contar. É talvez uma historia immoral. Ali lutam e patenteam em toda a sua nudez, e elevados á paixão, estes sentimentos que tornam verdadeiramente grande e mesquinho o orgulhoso ser humano: o amor, a sensualidade, o odio, e a vingança. Será tambem mais um exemplo que prova que a virtude e o vicio podem residir n'um mesmo sentimento; que o que as distingue as mais das vezes é apenas uma circumstancia.—

Ei-la.

Era um homem que amava profundamente uma mulher. Esta mulher chama-se... Mais tarde saber-lhe-heis o nome. Ella tem dezoito annos: seu coração deverá pois, amar com toda a força dessa idade, porque é além disso o seu primeiro amor. Ella é virgem. Seu corpo mostra não ter sido ainda estreitado por um abraço voluptuoso, seu rosto exala toda a pureza da innocencia e da virgindade. É uma fôrma pura e suave de mulher, em cujos joelhos, a fronte d'um poeta penderá de inspirado; ou cujos encantos um libertino ao tocá-las, sentirá o coração bater-lhe, e os labios se alongarem para beija-los.

O meu amigo amou esta moça: como poeta, ou como libertino?

Quereis conhecer o caracter do meu amigo? dir-vo-lo-hei em poucas palavras, por que no correr desta historia tereis tempo e occasiões de estudar-lhes os sentimentos e as tendencias. É um moço de vinte e tres annos de idade. Natureza ardente, imaginação sonhadora, desconfia, porem, as vezes da realisação de seus sonhos. Para elle não ha gráo no sentimento: o extremo, e o exaltamento caracteriza-lhe as paixões. As-

sim elle zombará da reputação de uma mulher por elle perdida, escarneccerá d'uma lagrima derramada ao pungir de paixão violenta—porque não ama. Mas tambem nada fará hesitar seu coração fogoso, sacrificio nem-um será poupado ao ente que lhe fizer sentir um affecto profundo. Este ente fará d'elle um symbolo de virtude ou do crime—porque amava-o.

O meu amigo amou esta moça: como poeta ou como libertino?

Quereis conhecer a natureza deste amor? Quanto ao d'elle ei-la aqui.

(Continuo).

GALVÃO BUENO.

NOTICIARIO.

THEATRO.

Com quanto o fim do nosso jornal não seja considerar o theatro em suas fazes opacas ou brilhantes, todavia como vemos nelle um elemento civilizador, uma face da litteratura, não roubamo-nos ao mandato de nossa convicção. Hoje só queremos noticiar aos nossos irmãos de letras, que a empresa fez uma acertada acquisição na actriz—Deolinda, que se acha nesta capital. Na scena dramatica mais que um louro já perfumou a fronte dessa artista, mais que um folhetinista lhe tributou os suffragios da penna. A Sra. Deolinda é em seu genero comico uma actriz irreprehensivel: é artista de muita experiencia, voz sympathica, melodiosa, suave. Distincta pela affabilidade de seu trato e cortezia, conquistará entre os academicos, apologistas daquillo que é maggestoso e grande na arte, altas e fundas sympathias. Se a empresa conseguir contractar não só a Sra. Deolinda, mas o Sr. José Luiz, ficará no theatro uma trindade de actores, que o salvarão de perecimento, pois muito necessita de uma actriz que auxilie as Sras. Mimelvina e Carolina, entre nós já conhecidas e possuidoras de grande merito.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

*(Continuado de p. 24.)*SCENA 3.^a*Os mesmos e Maria.*

MAR.—Aqui está o retrato de V.^a Ex.^a, sra. Condessa, que meu pae manda trazer.

CONDES.—Obrigada, minha menina. *(Mostrando a miniatura)*. Vejam, meus senhores.

D. FRAN.—*(Fitando Maria)*. Que lindo rosto!

CONDES.—*(Julgando que elle se refere ao retrato)*. Lisongeiro!...

D. FRAN.—Quem? eu! Não o sou: acho-a realmente encantadora. *(Designando Maria)*.

CONDES.—Ah! é della que...

COND.—Parece-se muito.

CONDES.—Conde, entregue á esta menina 40000 réis para seu pae.

COND.—40000 réis!

MAR.—V.^a Ex.^a engana-se, minha senhora: meu pae só manda pedir 20000 réis.

CONDES.—Sei; mas dou mais vinte para juntar ao seu dote.

MAR.—Para juntar ao meu dote!

FERN.—*(A' parte)*. O que dice ella?

CONDES.—Sei que seu pae tenciona casá-la cêdo.

MAR.—Casar-me!

FERN.—*(A' parte)*. Casá-la!

CONDES.—*(Ao Conde e a D. Francisco)*. Olhem agora para elles...

COND.—*(Baixo)*. V.^a Ex.^a não se enganou.

D. FRAN.—*(Baixo)*. Amam-se, não ha duvida.

FERN.—*(A' Maria, com resentimento)*. Receba, minha senhora, o meu sincero parabem.

MAR.—*(Perturbada)*. Seu parabem!..

FERN.—*(Com dôr concentrada)*.—Seja feliz, Maria... e elle tambem... esse que o seu coração escolheu. *(Maria abre a bolça, tira parte do dinheiro, que guarda, e põe a bolça sobre a meza)*.

CONDES.—Que faz, minha menina?

MAR.—Tiro desta bolça só o dinheiro que a meu pae pertence.

CONDES.—Mas eu exijo...

MAR.—*(Com altivez)*. Nem de mais, nem de menos, minha senhora.

CONDES.—Dice-lhe que o excedente era...

MAR.—Para meu dote... Mas não me compete a mim accetá-lo ou recusá-lo... e sim a meu pae em primeiro lugar... e depois a... meu noivo... a esse noivo que eu não conheço.

FERN.—*(A' parte, com alegria)*. Ah!

MAR.—Que nem meu pae, nem eu escolhemos ainda. Não sei quem seja; mas posso desde já affiançar que sua alma será tão nobre e seu coração tão generoso que não ha de consentir que eu deva cousa alguma senão a si e a meu pae!

CONDES.—O seu procedimento, minha menina, é digno de louvor, e eu congratulo-me em tributar-lh'o.

MAR.—Minha senhora...

CONDES.—*(Com intenção)*. Sua alma é tão elevada, seus sentimentos tão nobres que realmente deve ser difficil na escolha de um noivo, porque não conheço ninguem que se não vanglorie de pertencer-lhe.

MAR.—Senhora Condessa....

CONDES.—Não pensam tambem assim, meus senhores?

COND. e D. FRAN.—Certamente.

CONDES.—E tu, Fernando?

FERN.—*(Commovido)*. Sim... sim!... penso tambem assim...

MAR.—V.^a Ex.^a não quer mais nada de mim, senhora Condessa?

CONDES.—Não:—ah! desculpe. Vá esperar-me no meu quarto; seu pae dice-me que se encarregava de pôr a moldura neste retrato: d'aqui a pouco lh'o restituirei. *(Toca a campainha e apparece um creado)*. Conduz esta senhora para o meu quarto.

UM CREADO.—Ahi fóra está um homem do fóro...

COND.—Um homem do fóro?

D. FRAN.—Não é boa noticia.

CREADO.—Creio que é um tabellião que deseja fallar ao sr. Conde e á sra. Condessa.

CONDES.—*(Ao creado, que depois se retira)*. Que entre.

(Continúa.)